

ARRIGUCCI NARRADOR

Reflexões sobre o narrador, a memória e a experiência em *Enigma e comentário*

Alder de Azambuja Castagno*

RESUMO

Este artigo é resultado de reflexões sobre o narrador, a memória e a experiência a partir da leitura do livro *Enigma e comentário* de Davi Arrigucci Jr. Ele procura mostrar como esse autor, ao analisar ensaisticamente a obra de vários narradores brasileiros e latino-americanos do século XX, acaba por mimetizar a obra que analisa e por transformar-se ele próprio num autêntico narrador.

RÉSUMÉ

Cet article est le résultat de quelques réflexions sur le narrateur, la mémoire et l'expérience d'après le livre *Enigma e comentário* de Davi Arrigucci Jr. Ce travail veut montrer comme cet auteur, lorsqu'il analyse à la façon d'un essai les oeuvres de plusieurs narrateurs brésiliens et latino-américains du XX^e siècle, fini par mimétiser l'oeuvre qu'il analyse et par se transformer lui-même en narrateur.

* Mestrando em Literatura Francesa na UFMG.

Certo dia um leitor resolveu transmitir experiência. Os anos de leitura tinham lhe ensinado muito. Esse fora, certamente, um aprendizado longo e difícil. Prazeroso, contudo. Através dos livros, esse leitor voraz aprendera muita coisa. Aprendera, por exemplo, que o tesouro que está enterrado debaixo do parreiral não é formado por moedas de ouro, mas por uvas e que a felicidade está antes no trabalho do que no ouro. Aprendera ainda que a experiência estava em baixa uma vez que não havia mais quem soubesse contar histórias — ou será que ainda havia? Foi então que ele descobriu alguns escritores, brasileiros e hispano-americanos, que se pareciam muito com marinheiros. Não por usar roupa listrada e fumar cachimbo, muito menos por andar de navio — dizem até que alguns deles nunca subiram em um barco! — mas porque em suas andanças pelo mundo haviam aprendido muita coisa e tinham muito que contar. Esses escritores também lembravam camponeses que, sedentarizados, aprenderam as histórias e tradições de sua gente e de sua terra, e que por isso também tinham o que contar. O artífice medieval também era assim: antes de se tornar mestre sedentário havia sido aprendiz ambulante. E quando escreviam parecia que não escreviam, mas falavam, como se estivessem sentados de noite à volta do fogo. O leitor tornou-se, então, escritor. Mas ele não tinha pretensão de analisar cientificamente nada e optou por algo entre a ciência e a arte, por algo como o ensaio. E o leitor-escritor escreveu sobre literatura e experiência, sobre Narradores e seus livros que punham em dúvida a idéia de que as ações da experiência estavam em baixa. E fez literatura e passou experiência recorrendo ao acervo de toda uma vida; não só às suas experiências, mas também às alheias, o que fez dele um sábio, um Narrador.

Esta poderia muito bem ser a história concisa de David Arrigucci Jr. e seu livro *Enigma e comentário*. Livro formado por uma coletânea de ensaios produzidos ao longo dos anos 80, aborda os temas da literatura e experiência nas obras de vários autores brasileiros e latino-americanos, de Bandeira a Borges, passando por Rubem Braga, Pedro Nava, Fernando Gabeira, Murilo Rubião, Juan Rulfo, Julio

Cortázar e Ricardo Piglia. O que permite a esses escritores coexistirem na mesma obra apesar de trabalharem com gêneros diversos é justamente o fato de Arrigucci identificá-los com o Narrador benjaminiano, aquele contador de histórias cujas narrativas pouco se distinguem das "histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos". Embora não se trate exclusivamente de contadores de histórias, Davi Arrigucci percebeu que eles são escritores que conseguem transmitir experiência, como no caso do poeta Manuel Bandeira, em cuja obra o crítico reconhece a "história de uma experiência artística e humana no sentido mais amplo"; ou no memorialista Pedro Nava, um bom exemplo de quem ainda consegue transmitir experiências, não por publicar um livro de memórias, mas por ser um bom contador de histórias, de experiências que adquiriu em suas muitas viagens como médico pelo interior do país — a exemplo de um marinheiro — ou nos momentos de sedentarização — como um camponês — e que foi capaz de, a exemplo do artesão medieval, aperfeiçoar a narrativa a partir da interpenetração dos outros dois tipos arcaicos; ou ainda no romancista Ricardo Piglia, autor de *Respiración artificial*, livro onde se encontra um "esforço de síntese, em que se encontra a experiência do autor até o momento" e para quem "o narrador não é mais um contador de histórias, mas um leitor de documentos, interessado na História".¹

A partir disso já é possível encontrar a relação entre a literatura e a experiência, pois a literatura — através da Narrativa que se aproxima daquela primitiva — passa a ser o meio de transmissão de experiência. Essa já era a idéia de Walter Benjamin. Arrigucci, como o pensador alemão, não está interessado na informação, na notícia de jornal que só tem importância enquanto nova. O que o impele nesse trabalho é justamente o oposto, ou seja, encontrar autores que continuem contando histórias e transmitindo experiências, que persistam nas formas ligadas à tradição da narrativa oral, apesar da desconfiança moderna em relação a ela. Essa persistência ele encontrou justamente na literatura latino-americana, em especial na brasileira. Os autores que ele trabalha em *Enigma e comentário* contemplam esse requisito: lembram o narrador original, são autores de histórias universais que não envelhecem e que permitem ao homem, com o

¹ ARRIGUCCI, 1987.

tempo, compreender a si mesmo e à vida e auxiliá-lo na busca da felicidade.

Ao transmitir a experiência que acumulou ao longo de sua vida, o Narrador garante a continuidade da Narrativa. Dessa mesma forma ele se perpetua, vencendo sua maior inimiga — a morte. A Narrativa transforma-se, então, em vida, o que significa que, enquanto há experiência sendo transmitida aos outros, há vida. O Narrador é a própria Xerazade, salva por mil e uma histórias.

Arrigucci percebeu muito bem a afinidade de Cortázar, por exemplo, com a princesa persa: ambos logram a morte através da Narrativa. Nesse mesmo sentido encontra-se Pedro Nava que logra a morte duas vezes: uma através da Narrativa; outra, através da narrativa de suas memórias. E se esse não é o caminho da imortalidade, pelo menos aproxima-se bastante do da eternidade.

A Narrativa possui íntima relação com a memória e a experiência. Alguém, ao longo de sua vida, acumula experiências que serão, um dia, recuperadas pela memória, permitindo que essa pessoa as repasse, tornando-se, dessa forma, Narrador. Xerazade precisou se agarrar à sua memória para continuar a cada noite a história que começara na anterior e, assim, sobreviver. Arrigucci reconhece que a luta de resistência contra o esquecimento é um dos modos de nos mantermos vivos e diz isso falando justamente de Fernando Gabeira, autor de um desafio literário, histórico e político, assim como Xerazade. A memória de Gabeira ressuscita a história que muitos preferiam morta e que outros já haviam enterrado de vez, pois consegue recuperar e recompor as experiências de uma época do país em que as experiências tornavam-se cada vez menos comunicáveis e cada vez mais des(mem)or(i)alizadas.

Arrigucci entende a Narrativa como uma rede, um tecido de experiências que será trabalhado pelo Narrador tecelão, pelo Narrador agora transformado em Aracne. A proximidade entre o Narrador e a tecelã da lenda grega está em utilizar artisticamente o fio — esta, o fio de lã; aquele, o fio da memória — trabalhando-o num tecido, num tapete, numa arte. Essas aquisições são lentas e fruto de esforço. Os acontecimentos, as vivências, as leituras, os detalhes vão se acumulando na memória e lá ficam como objetos dentro de um baú antigo até o momento em que alguém vá abri-lo e retirar de dentro suas peças. A chave desse baú poderá ser muitas vezes um alumbramento, a

iluminação de um momento, uma sensação, como as "madeleines" de Proust. Em *Bandeira e Nava*, Mnemosine utiliza-se freqüentemente desses recursos. Cabe ao Narrador, então, o trabalho de recolher as peças adequadas e montá-las, como se faz com um "puzzle". Arrigucci acredita tão fielmente nisso que transforma essa metáfora numa de suas preferidas para a idéia do funcionamento da memória.

Ao escrever sobre literatura e experiência, Arrigucci acaba escrevendo sobre sua própria experiência enquanto homem ligado à literatura. A partir do aprofundamento de uma sugestão local, pessoal, ele faz literatura universal. Suas reflexões sobre si mesmo enquanto leitor assumem um caráter universal, abrangente, válido para outros leitores. Em seu ensaio "Enigma e comentário", que encerra a série de ensaios do livro ao qual empresta o título, Arrigucci aborda a influência da experiência de leitor sobre o leitor-escritor. A leitura aparece na raiz da invenção. O ato de ler o carregou para dentro dos segredos da literatura, tornando pertinente ao seu próprio caso o questionamento de Roland Barthes a propósito de quantos escritores não teriam sido levados a escrever pelo fato de terem lido. Arrigucci entende a leitura como arte de decifração, onde o leitor é levado ao prazer movido por um querer saber, por uma busca e desejo de conhecimento, o que pressupõe uma atitude inquisitiva. Essa atitude inquisitiva acaba sendo exigida, também, dos leitores de Davi Arrigucci, uma vez que, na tentativa de decifrar vários escritores, ele transforma a si próprio em enigma. E nisso ele se aproxima de Borges, autor que o fez refletir sobre a experiência de leitor e pensar sobre a natureza humana.

Falando de Jorge Luis Borges, Arrigucci diz:

*"... um relato de Borges envolve uma resposta, um mito, um enredo narrativo, atravessado pelo pensamento racional que desenreda até a beira do conhecimento do sentido dessa resposta, até a pergunta enigmática que lhe deu origem, permanecendo na iminência de uma revelação, que, no entanto, não se produz."*²

² ARRUGUCCI, 1987, p.234.

Ora, de certa forma essas palavras servem igualmente para Davi Arrigucci Jr., que encontra na obra do escritor argentino uma mescla freqüente de ensaio e ficção.

Se por um lado a obra de Arrigucci não se aproxima do fantástico do escritor argentino, por outro está igualmente permeada de efeitos literários, e seus textos não cessam de procurar o encantamento do leitor. Dessa forma, Arrigucci põe em prática sua concepção de ensaio, onde esse pode ser uma forma de obra de arte e onde ele procura uma fusão com o objeto analisado, ou como quer Flora Sussekind, "...a escrita ensaística mimetiza amorosamente a que comenta."³ O ensaio para Arrigucci passa a ser o lugar da mediação entre o espírito científico e a produção artística, o que torna a máxima positivista de que o escrito sobre arte não deveria ter nada de artístico nulo para o caso de Arrigucci.

Vê-se, pois, que os ensaios de Davi Arrigucci constituem casos limites das relações literárias e não literárias. Ele entende sua obra, enquanto ensaio, como o lugar da mediação, o lugar da experiência. Encontra-se aí, novamente, a identificação entre o autor e o objeto analisado, uma vez que é ele próprio quem identifica o namoro de outros gêneros com a ficção nos autores que estuda, como no caso de Gabeira em *O que é isso, companheiro?*, misto de informação jornalística ou histórica, memória e ficção; de Pedro Nava em suas *Memórias* e Rubem Braga, mescla de Narrador-jornalista de fatos do dia e contador de "causos", em suas crônicas.

³ SÜSSEKIND, 1988, p.98.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: ——. *Coleção grandes cientistas sociais*. Org. Gabriel Cohn. São Paulo: Ática, 1986 (n. 54). p.167-187.
- ARRIGUCCI Jr., Davi. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- . O itinerário do crítico. *Leia*. São Paulo, p.3-7, out. 1990.
- GOMEZ-MARTINEZ, José Luis. El ensayo como genero literario, estudio de sus características. In: ——. *Teoría del ensayo*. Salamanca, 1981. p.17-24.
- HATHERLY, Ana. O tacto. In: *Poética dos cinco sentidos. La dame à la licorne*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1979.
- MASSI, Augusto. Trabalho de Arrigucci sobre Bandeira reafirma e supera tradição. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 27 out. 1990. Letras, p.F4-F5.
- MENESES, Adélia Bezerra de. Do poder da palavra. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 29 jan. 1988. Folhetim, p.B3-B7.
- MERQUIOR, José Guilherme. O ensaio como forma e as idéias constelação. In: ——. *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969. p.113-118.
- NUNEZ, Estuardo. El ensayo como genero literario, estudio de sus características. In: GOMEZ-MARTINEZ, José Luis. *Teoría del ensayo*. Salamanca: Ed. de Salamanca, 1981. p.17-24.
- OVIDIO. Palas e Aracne. Livro VI. In: ——. *As metamorfoses*. Trad. Davi Gomes J.J. São Paulo: Tecnoprint, 1983. p.104-107.
- SÜSSEKIND, Flora. Reflexão técnica. *34 Letras*. Rio de Janeiro: n.1, p.84-89, set. 1988.
- . Ou não?; reflexões parciais sobre a crítica de Davi Arrigucci e Roberto Schwarz. *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, n.20, p.96-109, mar, 1988.
- VIRASORO, Rafael. El ensayo como genero literario, estudio de sus características. In: GOMEZ-MARTINEZ, José Luis. *Teoría del ensayo*. Salamanca: Ed. de Salamanca, 1981. p.17-24.